

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

CAMPUS DE FRANCA

FCHS – FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

DEPARTAMENTO HISTÓRIA

GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

TARK FRAIG

**ENTRE FREIRE E JACOTOT: EMANCIPAÇÃO, SABER, RAZÃO**

**FRANCA**

**2019**

TARK FRAIG

## **ENTRE FREIRE E JACOTOT: EMANCIPAÇÃO, SABER, RAZÃO**

Projeto de mestrado apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso em História, habilitação em Bacharelado, da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – FCHS/Campus de Franca, como requisito parcial à conclusão da graduação, sob orientação do Prof. Dr. Hélio Alexandre da Silva.

**FRANCA**

**2019**

## RESUMO

O presente projeto de pesquisa tem por objetivo realizar uma leitura comparada entre os educadores Paulo Freire e Joseph Jacotot, a partir de três questões: emancipação, saber e razão. Trata-se de investigar o *ethos* pedagógico dos dois autores, isto é, as maneiras pelas quais os educadores consideravam a si mesmos, os outros e o mundo na relação educativa. Procura-se, a partir dos pontos de correspondência bem como dos pontos de tensão entre as duas práticas educativas, recolocar a questão do popular no debate contemporâneo, isto é, recolocar o problema das fronteiras que dividem o sensível do inteligível, a razão da emoção, a mente do corpo, o povo dos intelectuais na educação com grupos populares. Espera-se, com essa aproximação, contribuir para o presente debate da pedagogia crítica e emancipatória no Brasil.

**Palavras-chave:** Emancipação. Pedagogia. Joseph Jacotot. Paulo Freire. Saber.

## **ABSTRACT**

This research project aims to make a comparative reading between educators Paulo Freire and Joseph Jacotot, based on three questions: emancipation, knowledge and reason. It is about investigating the pedagogical ethos of the two authors, that is, the ways in which the two educators considered themselves, others and the world in the educational relationship. Considering the points of correspondence as well as the points of tension between the two educational practices, we seek to replace the issue of the popular in the contemporary debate, that is, to replace the problem of the boundaries that divide the sensible from the intelligible, the reason from the emotion, the mind from the body, the people from the intellectuals in education with popular groups. This approach is expected to contribute to the present debate on critical and emancipatory pedagogy in Brazil.

**Keywords:** Emancipation. Pedagogy. Joseph Jacotot. Paulo Freire. Knowledge.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>6</b>
1.1 Um encontro póstumo: Paulo Freire e Joseph Jacotot .....	8
1.2 Uma comparação entre mundos.....	12
<b>2 OBJETIVO GERAL.....</b>	<b>13</b>
<b>3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....</b>	<b>14</b>
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>14</b>
<b>5 PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA.....</b>	<b>18</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>18</b>

## 1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O presente projeto de pesquisa tem por objetivo investigar os conceitos de emancipação, saber e razão na obra de dois educadores que trabalharam ao longo de suas vidas com grupos populares: Paulo Freire e Joseph Jacotot. Se comparar os dois educadores é o nosso objetivo, isso não será feito com a intenção de engrandecer um e/ou menosprezar o outro. Não se trata aqui de dizer quem foi mais verdadeiramente popular, qual deles foi o mais emancipador. O que se quer fazer com essa comparação é recolocar a questão do popular na educação, isto é, as relações entre emoção e razão, corpo e mente, sensível e inteligível, povo e educadores, carne e espírito. Uma investigação sobre as fronteiras, portanto. Se a caverna é o lugar por excelência da educação popular, não investigaremos nem o lado de fora nem o lado de dentro, mas a *passagem* das sombras à luz.

Mas se tão específica é a nossa questão, por que Paulo Freire e Joseph Jacotot? Não poderíamos observar essa relação em quaisquer outros educadores? De fato. A nossa escolha se originou de duas razões: a primeira, de ordem prática: ambos os educadores, ao longo de suas vidas, trabalharam com a educação de grupos populares<sup>1</sup>. Cada um ao seu modo e em seu contexto, um no Brasil do século XX do pós-guerra, o outro na França pós-revolucionária do século XIX, depararam-se com uma série de questões sobre a capacidade intelectual dos pobres. São os pobres capazes de aprender? Podemos tratá-los como nossos iguais? São eles capazes de raciocinar como nós? Como devemos tomar sua palavra?

Útil dizer que essas questões não surgiram do acaso, mas de uma reação de seus contemporâneos às práticas e às racionalizações da prática dos dois educadores. Ainda que desenvolvidas em épocas e sociedades muito diferentes, suas práticas aproximam-se pelo choque que causaram em suas respectivas sociedades. O brasileiro, que via na educação a possibilidade de começo de uma transformação do mundo (FREIRE, 1987, p. 23). O francês, que declarava que todas as inteligências eram iguais (JACOTOT, 1852, p. 11). Mas também há nesses dois educadores uma radicalidade outra, uma que não se confunde apenas com a grandeza de suas ambições ou com a estranheza de suas teses. Uma radicalidade talvez ainda mais chocante aos seus contemporâneos do que algumas declarações sobre a natureza humana jamais poderiam ser. Essa outra radicalidade tem a ver com a postura pedagógica dos dois educadores. Não tanto com o que *diziam* a respeito dos pobres, mas como relacionavam-se com eles, como *contavam* (para empregar aqui um termo de Rancière (1996)) sua palavra.

Paulo Freire, por citar em suas palestras e livros, além de Marx, experiências de

---

1 Devido a ausência do termo “popular” nos escritos de Jacotot, evitaremos chamá-lo de “educador popular”.

aprendizado que teve com camponeses (FREIRE, 2013, p. 138). Joseph Jacotot, por considerar os pobres como capazes de julgar por si mesmos o valor das palavras dos sábios acadêmicos (JACOTOT, 1841, p. 444). Esse outro tipo de radicalidade, que tem a ver menos com o desprendimento de suas épocas através de uma teoria do que com uma maneira de *considerar* a si mesmo e aos outros, isso é o que gostaríamos de investigar.

Poderíamos qualificar a nossa proposta investigativa como uma dupla interlocução: de um lado, a análise do diálogo educador popular-pobres. De outro, a análise do diálogo dos educadores com a própria sociedade sobre as suas práticas. Mas não façamos dessa uma oposição teoria-prática. Como se, no diálogo direto com os pobres, os educadores estivessem mais próximos de uma experiência pura ao passo que, no diálogo com os seus contemporâneos, estivessem mais próximos de um modo de agir conceitual e teórico. Não se trata também de dizer que a teoria e a prática se influenciam, que há uma dialética entre elas. O nosso objetivo de investigar as fronteiras já começa aqui. O que queremos dizer é que, de alguma forma, essa dupla interlocução de Freire e Jacotot nos dá a ver dois aspectos da mesma coisa: em um, a maneira de considerar os seus educandos no diálogo e na prática que possuem com eles e, no outro, a maneira que encontraram de responder aos seus críticos sobre suas peculiares maneiras de considerar os seus educandos. A comparação Freire-Jacotot nos permite recolocar em questão mais uma vez o *popular*, isto é, os diferentes modos de relacionar-se consigo, com o mundo e com os outros na educação. Chamaremos isso de *ethos*<sup>2</sup>.

Afinemos nossas posições. A quem deseja investigar o *ethos*, importa menos legitimar uma teoria (dizer se ela é verdadeira ou falsa) do que investigar suas *implicações* nos modos de se relacionar consigo, com os outros e com o mundo. Não dirigir nossa atenção, portanto, para a validade ou invalidade das proposições filosóficas dos dois educadores, mas a maneira pela qual consideram e abordam seus interlocutores e o mundo (KERLY *et alli*, 2004, p. 19, tradução nossa). Não perguntaremos: essa teoria antropológica é verdadeira? Essa concepção da natureza humana é legítima? mas sim: como, nessa teoria e nessa prática, os educadores estão se relacionando consigo, com os outros e com o mundo? O educador popular considera a si mesmo como um “guardião do reino da verdade” (KERLY *et alli*, 2004, p. 20, tradução nossa)? Considera a si mesmo como um juiz do “tribunal da razão” (KERLY *et alli*, 2004, p. 17, tradução nossa)? Considera o mundo como algo *escondido*, como uma substância que precisa ser *desvelada*? Considera os outros como seus iguais, como capazes de ver o que vê? Ou aborda os outros como incapazes, como seres que precisam de direção?

---

2 Tiramos esse conceito do texto de Kerly, Masschelein e Simons: *O ethos da pesquisa crítica* (2004).

Talvez nos seria ainda proveitoso aprofundar a nossa leitura desse texto de Kerly, Masschelein e Simons, mas, para os nossos fins atuais, julgamos o bastante. Agora que falamos de nossa escolha dos dois educadores e dos nossos modos de considerar essa relação, aprofundaremos um pouco mais na história do acoplamento Freire-Jacotot. Depois, realizaremos uma breve análise das comparações já feitas entre os dois, e a partir daí orientaremos a nossa pesquisa.

### **1.1 Um encontro póstumo: Paulo Freire (1921-1997) e Joseph Jacotot (1770-1840)**

Talvez o que mais necessite de introdução, Joseph Jacotot é um pedagogo francês do século XIX, popularizado (e, para muitos, descoberto) pelo filósofo francês Jacques Rancière em seu *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*, publicado em 1987. O livro, marcado por sua forma literária e poética, emergiu de um longo debate sobre a situação do ensino público na França. No prefácio escrito à edição brasileira, Rancière diz que o discurso de Jacotot foi revivido porque “me pareceu que ele era o único que poderia libertar a reflexão sobre a Escola do debate interminável entre duas grandes estratégias de “redução das desigualdades”” (RANCIÈRE, 2002, p. 11). O livro foi escrito em contraposição a dois modos de se pensar a desigualdade na França da década de 80: de um lado, a sociologia crítica de Pierre Bourdieu e, de outro, a ideologia dita republicana (RANCIÈRE, 2002, p. 12). O argumento principal do livro (e o motivo pelo qual ele é mais lembrado) pode ser condensado, talvez de forma um pouco grosseira, no seguinte: se a igualdade é colocada como um ponto de chegada, como um objetivo a ser conquistado, ela jamais será atingida. Os sistemas educativos que partem da desigualdade estão condenados a infinitamente reproduzi-la. “A igualdade, ensinava Jacotot, não é nem formal nem real. Ela não consiste nem no ensino uniforme de crianças da república nem na disponibilidade dos produtos de baixo preço nas estantes de supermercados” (RANCIÈRE, 2002, p. 14). A igualdade não deve ser o objetivo da educação, mas um princípio a ser *verificado* por ela. Tal é, segundo Rancière, a lição de Jacotot.

Antes de avançar na história da recepção de *O mestre ignorante* no Brasil, apresentemos, de forma bastante esquemática, algumas notas biográficas de Jacotot. Nascido em 1770 em Dijon, na França, aos dezenove anos obteve a cadeira de humanidades no colégio da mesma cidade, e daí seguiu um curso de direito<sup>3</sup>. Exerceu a função de professor de

---

3 Esse e outros dados biográficos de Jacotot foram tirados da *Biographie universelle, ancienne et moderne*, publicada em 1841 em Paris por L.-G. Michaud.



humanidades até 1791, quando abandonou suas funções de professor e se juntou ao batalhão da *Côte d’Or*, desempenhando o papel de capitão de artilharia. Eleito deputado da câmara de representantes em 1815, redige um violento discurso contra os Bourbons e se exila com a sua família em Bruxelas. Em 1818 recebe a proposta de ocupar a cadeira de literatura francesa na universidade de Louvain. E é essa a experiência descrita por Jacotot como aquela que mudou tudo em sua vida. Até então, ele se considerava um professor como qualquer outro, que dava suas explicações orais, que diagnosticava a distância de seus alunos do conteúdo a ser aprendido, que os avaliava e os corrigia. Até que um dia fez uma descoberta, considerada por ele um “fruto do acaso” (JACOTOT, 1841, p. 439, tradução nossa). Jacotot ignorava o neerlandês, língua de três quartos de seus estudantes que, por sua vez, ignoravam o francês. Impossibilitado de proceder da maneira habitual, encontrou uma edição do *Telêmaco* bilíngue, que colocou nas mãos de seus alunos a fim de testar até onde poderiam aprender. Os resultados o surpreenderam. Em poucos meses, os seus estudantes, sem explicações, já estavam construindo frases em francês, apenas com o auxílio das traduções. Depois dessa “descoberta”, “eu tomei meu partido; decidi não explicar mais nada, a fim de me certificar até onde o aluno poderia ir sem explicações” (JACOTOT, 1841, p. 440, tradução nossa). Desde então iniciou o que ele chama de *Ensino universal*, o método da emancipação intelectual. Escreveu sob demanda de seus discípulos, algumas de suas obras principais sendo: *Língua materna* (1823), *Matemáticas* (1827), *Direito e filosofia panecásticos* (1837).

Feita essa rápida introdução, voltemos à história da recepção de *O mestre ignorante* em terras brasileiras. Após analisar o contexto educacional brasileiro como marcado por fortes influências cristãs e marxistas, o filósofo argentino-brasileiro Walter Kohan comenta o desconforto que o livro gerou no público brasileiro (KOHAN, 2015, p. 4). Parte devido ao seu estilo aforístico, parte devido à radicalidade de suas proposições (igualdade das inteligências, tudo está em tudo, tautologia da potência, para enumerar apenas algumas), a quase antipedagogia de Joseph Jacotot não poderia ser recebida sem causar grande espanto. E devido ao tema do livro, a *emancipação intelectual*, as comparações com Paulo Freire não poderiam deixar de ser feitas.

O educador brasileiro talvez seja o que menos precisa ser introduzido. Mas, em razão de justiça, esboçaremos alguns de seus detalhes biográficos. Nascido em 1921 em Recife, Pernambuco, trabalhou inicialmente no SESI (Serviço social de indústria) e no Serviço de Extensão cultural da universidade do Recife<sup>4</sup>. Em 1958, expressa sua filosofia educacional

---

4 Para o esboço biográfico de Paulo Freire, estamos utilizando como fonte o texto *Paulo Freire: pequena biografia*, disponibilizado pelo Instituto Paulo Freire. Escrita por Moacir Gadotti. Disponível em:

inicialmente em sua tese de concurso para a universidade do Recife. A metodologia desenvolvida pelo educador foi muito utilizada em campanhas de alfabetização e, por conta disso, foi preso e forçado ao exílio após o golpe militar de 1964. Volta para o Brasil em 1980, depois de 16 anos de exílio, nesse tempo passando por uma grande quantidade de países e universidades, como no Chile e nos Estados Unidos. Nesse tempo, publica inúmeras obras, com destaque para a *Pedagogia do oprimido*, traduzida para mais de 27 idiomas e a terceira obra mais citada em trabalhos acadêmicos da área de humanas de todo o mundo (MONTEIRO, 2017). Algumas das obras de destaque de Freire: *Pedagogia da autonomia* (1997), *Pedagogia da esperança* (1992), *Educação como prática da liberdade* (1967), *Educação e mudança* (1981).

Feitos esses breves comentários acerca da biografia de cada um, esboçaremos agora uma pequena história sobre essa aproximação entre os dois. Por mais que *O mestre ignorante* seja um livro que causou grande interesse em alguns nomes notáveis da filosofia da educação brasileira<sup>5</sup>, o livro ainda permanece pouco conhecido no cenário nacional. Isso não impediu, no entanto, que se fizessem algumas comparações entre Paulo Freire e Joseph Jacotot.

Começaremos com a comparação feita pelo próprio Jacques Rancière. Quando indagado sobre a proximidade ou distância entre os dois educadores, Rancière responde: “O pensamento de Jacotot não é um pensamento de “conscientização”, que busca organizar os pobres em coletividade. O pensamento de Jacotot se dirige a indivíduos” (BENVENUTO *et alli*, 2003, p. 198). No entanto, diz Rancière, há entre os dois algo em comum, no que diz respeito à emancipação como uma possibilidade de romper com uma “lógica social, uma lógica de instituição” (BENVENUTO *et alli*, 2003, p. 199). Há, também, uma outra diferença, uma vez que Paulo Freire supõe algo como um método, “como um conjunto de meios para instruir os pobres como pobres” (BENVENUTO *et alli*, 2003, p. 199), ao passo que isso não existiria em Jacotot. Duas diferenças e uma aproximação, portanto, que versam sobre: (a) a emancipação (se ela é coletiva ou individual); (b) a relação com as instituições e (c) o método (a existência ou não dele).

A fim de não nos estendermos muito, revisamos a bibliografia escrita que diz respeito a uma comparação entre Paulo Freire e Joseph Jacotot. Encontramos oito trabalhos<sup>6</sup>. As comparações são feitas em vários termos: emancipação, democracia, autonomia,

---

<<http://www.paulofreire.org/Arquivos/ArquivosAcervo000031>>. Acesso em: 07 de agosto de 2019.

5 Ver os trabalhos de KOHAN (2015) e de GALLO e MARTINS (2018)

6 DEBUS (2019), FILHO e NETO (2017), SOUZA (2015), GIMBO (2017), BARBOSA; MULLER e SANTOS (2017), KOHAN (2019 e 2015), e MURTA (2011).

empoderamento e igualdade. Alguns trabalhos exploram mais as semelhanças (como, por exemplo, a defesa de uma complementaridade em GIMBO (2017)), outros exploram mais as diferenças e tendem a preferir um lado (como, por exemplo, o trabalho de FILHO e NETO (2017)). Para fazer evidenciar os nossos objetivos, analisaremos de maneira mais profunda a comparação feita por Walter Kohan (2019).

Kohan afirma: “a dimensão epistemológica do problema precisa ser aprofundada” (KOHAN, 2019, p. 4). A pergunta é colocada: “como pensar a igualdade em relação à capacidade cognitiva e intelectual de educadoras, educadores e educandos?” (KOHAN, 2019, p. 4). Que tipo de igualdade cognitiva pode existir entre mestres e discípulos? Os educadores sabem *mais* que os educandos? Pode até ser, admite Kohan, em termos de acesso à informação, livros, bibliotecas, podem os educadores saberem *mais*. “Mas, contrapõe o filósofo, não é por isso que são superiores aos estudantes. O que ocorre é que desenvolveram *mais* uma igual capacidade de aprender, pensar e saber” (KOHAN, 2019, p. 8, grifo nosso). Para Kohan, a igualdade das inteligências transmitida por Jacotot é a “afirmação da igual capacidade de pensar de todos os seres humanos como princípio de tal educação” (KOHAN, 2019, p. 16). Essa igualdade combinaria com o “Ninguém é superior a ninguém” freiriano, que postula a igualdade de todos como ponto de partida da educação popular. Kohan também não se mostra tão seguro dessa comparação, principalmente no que diz respeito ao tema da conscientização em Freire: “se a manipulação real e os mitos da sociedade são já conhecidos de antemão pelo educador(a) [...] poderíamos questionar quanto eles confiam na igual capacidade de educadores e educandos” (KOHAN, 2019, p. 14). Ao término do texto, Kohan afirma um gradativo abandono da posição conscientizadora de Freire, uma aproximação do educador brasileiro de “princípios relacionais, como a igualdade” (KOHAN, 2019, p. 14), e um afastamento de “teorias explicativas da realidade” (KOHAN, 2019, p. 14).

Esqueçamos um pouco os comparados para pensar a comparação. A questão de Walter Kohan é investigar a possibilidade da igualdade cognitiva entre os educadores e os educandos. A questão não é descobrir se eles sabem o mesmo *tanto*, mas simplesmente se há entre os dois atores do ato educativo uma igual *capacidade* de aprender. De fato, diz Kohan, se considerarmos o saber sobre bibliotecas, livros, informação, as professoras e os professores realmente podem saber *mais*. Mas isso não os torna superiores. Isso significa simplesmente que eles desenvolveram *mais* uma capacidade de aprender que existe em *todos* os seres humanos, igualmente. Existe, de fato, uma desigualdade no saber (em relação a livros, por exemplo), mas ela não é em função de uma superior capacidade, de um privilégio epistêmico, mas pelo *desenvolvimento* em maior grau de uma mesma capacidade. A capacidade de

aprender, assim como o saber, em Kohan, é pensada em termos quantitativos. Ela é uma capacidade comum a todos que pode ser *mais* ou *menos* desenvolvida, possibilitando a alguém saber *mais* ou *menos* coisas. Entre uma professora que conhece muito um livro e um estudante que nada sabe desse livro, há uma desigualdade de saber, de fato, mas ela não se dá em função de uma desigualdade de *capacidades*. Eles possuem a mesma capacidade, mas na professora (em relação ao livro), essa capacidade se encontra *mais* desenvolvida. Por isso, ela sabe *mais* do que o estudante. Quem diz capacidade, diz potencial. Quer dizer: se o estudante quisesse compreender o livro, ele poderia, ele tem a *possibilidade* de saber *tanto quanto* a professora, isto é, de adquirir uma quantidade de saber equivalente ao da professora. Isso não quer dizer que ele tenha de saber o *mesmo*. Mas como é que podemos determinar quem sabe menos, quem sabe mais? Como é que se decide quem sabe mais, quem sabe menos? *Quem* diz quem sabe mais e quem sabe menos?

## 1.2 Uma comparação entre mundos

Que a leitora ou o leitor não se assustem, essa longa exposição não foi uma divagação. Na verdade, ela nos orienta a fazer, em nossa comparação de Freire e Jacotot, em relação às comparações já feitas, um *duplo deslocamento*.

Primeiro, um deslocamento metodológico: em todos os trabalhos revisados, não encontramos nenhuma referência a uma obra de Jacotot. As comparações foram feitas, na maioria das vezes, tomando como base *O mestre ignorante* de Rancière e alguma das pedagogias de Freire. Optaremos por realizar um exercício consciente de *deixar de lado* Rancière por um momento e focalizarmos nos escritos originais de Jacotot. Não que seja possível esquecer Rancière, mas pensamos que a leitura dos originais pode nos dar a ver algumas facetas de Jacotot que não puderam ser vistas nas escolhas de *O mestre ignorante*.

Segundo, um deslocamento temático. Se nos lembrarmos do conceito de *ethos* de Masschelein, Kerly e Simons, vemos uma relação tripla: a relação de si consigo, a relação de si com os outros e a relação de si *com o mundo*. Nas comparações feitas pelos nossos predecessores, acreditamos, as análises não deram tanta atenção – a merecida, diríamos – ao último aspecto: a relação de si com o mundo. Como Paulo Freire e Joseph Jacotot se relacionaram com o *mundo*, no sentido epistemológico do termo? Dito de outra forma: Jacotot e Freire habitam o mesmo mundo? O que significa conhecer o mundo em cada um desses educadores? Nossa pergunta não será, portanto: para eles, todos podem pensar? Será que todos possuem uma mesma capacidade de pensar? mas: o que consideram que pode *ser*

*pensado?* Em vez de nos questionar se todos podem conhecer o mundo, queremos verificar *que tipo de mundo* é esse que se deixa conhecer nos escritos desses dois educadores.

Afinemos um pouco mais essa diferença. A nossa intuição é a de que esses dois educadores, se quando comparados em relação aos seus conceitos de igualdade, expressam uma grande semelhança, nos revelam uma grande disparidade se mudarmos os termos dessa aproximação. Aqui vai um exemplo. No *Pedagogia da autonomia*, Freire traduz a aprendizagem como uma habilidade de “apreender a substantividade do objeto” (FREIRE, 2002, p. 28). Uma atividade que demanda – se feita de forma crítica – certa “profundidade e não superficialidade na compreensão e na interpretação dos fatos” (FREIRE, 2002, p. 16). Ensinar e aprender têm a ver com um esforço “metodologicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem” (FREIRE, 2002, p. 45). Aprender, portanto, tem a ver com um processo de *desvelamento* de uma coisa, de uma compreensão de sua *razão de ser*, apreendendo-a em sua profundidade. Se colocássemos a mesma questão para Jacotot, ele nos responderia: “Não há profundidade de pensamentos. Um pensamento não é nem profundo, nem superficial” (JACOTOT, 1841, p. 35, tradução nossa). Verificamos um ponto de tensão.

Essa pequena diferença já nos daria muito sobre o que discorrer, mas avancemos lentamente. O que se quer evidenciar aqui é um aspecto importante que – acreditamos – foi deixado de lado nas comparações Freire-Jacotot realizadas por nossos predecessores. Uma frase de Freire muito citada nesses trabalhos, para justificar a semelhança entre os dois, era a conhecida declaração da *Pedagogia do oprimido*: “ninguém educa ninguém, os homens se educam entre si mediatizados por seu mundo” (FREIRE apud MURTA, 2011, p. 38). Nossa hipótese é a de que se deu muita atenção ao “ninguém educa ninguém” e pouca ao “mediatizados por seu mundo”. Um dos objetivos dessa pesquisa é, portanto, investigar mais profundamente essa relação de *si* com o mundo nos dois educadores.

## 2. OBJETIVO GERAL

O objetivo geral dessa pesquisa é realizar uma leitura comparada entre os educadores Paulo Freire e Joseph Jacotot, a partir de três questões: emancipação, saber e razão. Trata-se de investigar o *ethos* pedagógico dos dois autores, isto é, as maneiras pelas quais os educadores consideravam a si mesmos, os outros e o mundo na relação educativa. Procura-se, a partir dos pontos de correspondência bem como dos pontos de tensão entre as duas práticas educativas, *recolocar* a questão do popular no debate contemporâneo, isto é, recolocar o

problema das fronteiras que dividem o sensível do inteligível, a razão da emoção, a mente do corpo, o povo dos intelectuais na educação com grupos populares.

### 3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

I – Analisar a problemática freiriana da emancipação das classes populares na *Pedagogia do oprimido*, na *Pedagogia da esperança* e na *Pedagogia da autonomia*, servindo-nos do conceito de *ethos* como instrumento de análise.

II – Analisar o Ensino Universal jacotista em *Língua materna*, *Língua estrangeira* e *Misturas póstumas* a partir do conceito do *ethos*.

III – Comparar as duas pedagogias a partir de três conceitos: (a) emancipação; (b) saber e (c) razão.

IV – A partir das problemáticas suscitadas pelo diálogo entre as obras, repensar a questão das fronteiras entre inteligível e sensível na educação popular.

### 4. METODOLOGIA

Propomos uma leitura comparada dos textos de Jacotot e Freire. Em Freire, analisaremos a trilogia de suas pedagogias: a do oprimido, a da esperança e a da autonomia. De Jacotot, tomaremos também três livros: *Língua materna*, *Língua estrangeira* e *Misturas póstumas*. Os termos de comparação serão dados em três questões metodológicas:

- (1) O que é emancipação?
- (2) O que é saber?
- (3) O que é razão?

Primeiro, alguns comentários acerca do método de leitura comparada. Sempre julgamos útil escutar alguns conselhos de historiadores. Como o que propomos aqui é uma espécie de história comparada da educação, devemos estar cientes dos riscos que corremos. Se o método comparativo amplia nossas possibilidades de compreensão de um problema, não o faz sem aumentar também nossas margens de perigo. Um dos problemas de tal metodologia histórica, diz Campos, seria

“a incapacidade do historiador em conseguir dominar amplamente diversos contextos históricos em sua pesquisa; haveria a possibilidade de se cometerem equívocos, ao inserir categorias ou estruturas de níveis diferentes, devido a algumas semelhanças superficiais; um possível excesso de generalizações que levaria à

redundância de argumentação no trabalho” (CAMPOS, 2011, p. 194)

Ainda outro problema, adiciona Paul Veyne, seria a associação de “fatos tirados de nações ou períodos diversos [...] o estudo de uma categoria histórica ou de um tipo de acontecimento através da história, sem levar em consideração as unidades de tempo e de lugar” (VEYNE, 1998, p. 102). Por isso, julgamos prudente aprofundar nos possíveis problemas dessa comparação.

Falamos de comparar a emancipação, saber e razão em Freire e Jacotot. Mas o que significa isso? Verificar a existência de universais, a Emancipação, o Saber e a Razão, particularizados em dois contextos diferentes? Ver dois modos diferentes de representar a *mesma* coisa? Então estaríamos admitindo a existência *a priori* dessas categorias históricas? De fato, se assim procedêssemos, estaríamos exemplificando os típicos erros de histórias comparativas acima mencionados. Como contornar esse problema?

Nenhum desses termos de comparação – a emancipação, o saber e a razão – será para nós um dado *a priori* a ser particularizado em dois casos – no Brasil e na França, no século XX e no século XIX. Nem também propomos submeter Freire e Jacotot a uma relação dialética, conjugando-os sob a forma do homogêneo. Não se trata de verificar suas contradições apenas para depois resolvê-las em uma unidade histórica. Propomos, como instrumento de análise, o que Michel Foucault chama de “lógica de estratégia” (FOUCAULT, 2004, p. 44, tradução nossa). Essa lógica tem a função de “estabelecer quais são as conexões possíveis entre termos díspares e que permanecem díspares” (FOUCAULT, 2004, p. 44, tradução nossa). Em outras palavras: não partiremos de uma identidade *a priori* entre esses termos. Mas isso também não significa trancafiá-los em seus contextos, declarando sua incomensurabilidade. Nesse sentido, seguiremos a lógica de Foucault: antes de pensar, observar. Em vez de pressupor, pelo mero fato dos dois educadores utilizarem o vocábulo “emancipação”, que *deve* haver algo em comum entre eles, observar *se*, de fato, há algo de comum entre os dois usos.

Mas ainda resta a objeção: certo, esquivaram-se bem, disseram o que a emancipação, o saber e a razão *não são*. Mas o que eles de fato *são*? Tomaremos, mais uma vez, um outro instrumento de Michel Foucault, dessa vez, a noção de “espiritualidade”. Consideraremos a emancipação não como um dado universal da história humana, mas como um conjunto de “buscas, práticas e experiências” (FOUCAULT, 2006, p. 19), como um “trabalho de si para consigo” (FOUCAULT, 2006, p. 20), bem como as racionalizações sobre essas práticas, que visam operar sobre o sujeito uma *transformação* em sua relação consigo, com os outros e com

o mundo. O saber, conjugando-o sob o nosso conceito de *ethos*, não como ato de conhecimento de um sujeito dado, mas como um conjunto de procedimentos que permite a um sujeito qualificar-se para uma certa *performance*. A razão não como a faculdade essencial, marca de humanidade, mas como uma série de técnicas e práticas que permitem a um sujeito ou um grupo de sujeitos operar um *desvio* no seu modo de conduzir-se habitual no mundo, na sua relação consigo e com os outros.

Os nossos contraditores poderiam ainda nos acusar de esvaziar esses conceitos de qualquer substância, insistindo por demais no seu caráter relacional. E é precisamente isso que gostaríamos de fazer. Como dito anteriormente, não nos interessa tanto saber o que de fato *é* a razão em Freire e Jacotot. Não é de nossa intenção julgar se esta é uma representação legítima ou ilegítima, verdadeira ou falsa. Enfatizando o caráter *relacional* desses conceitos, queremos dar a ver não uma representação da emancipação, da razão e do saber, mas uma *forma de colocar-se* no mundo, de considerar a si e aos outros. Se poetizar um pouco pode nos ser útil para evidenciar esse ponto, diríamos, com Emanuele Coccia, que não procuramos somente um ponto de vista, mas também um *ponto de vida* (COCCIA, 2018, p. 25). Procurar um ponto de vida não implica, contudo, um abandono total ou um desprezo pela teoria e pelos conceitos. Implica, na verdade, formular uma nova maneira de encontrá-los. Não mais considerá-los apenas pela sua verdade ou falsidade, pela sua maior ou menor adequação ao mundo “real”, mas pelos modos de relacionar-se consigo, com o mundo e com os outros que propiciam.

Também nos será útil lembrar o motivo de fazer toda essa comparação Freire-Jacotot. Não é de nossa intenção glorificar um sob pena da humilhação do outro. Nem se trata também de realizar uma análise fria e distante, uma pura descrição histórica das práticas e teorias dos dois educadores. Interessa-nos menos o passado do que o presente. Não se trata, portanto, de realizar um bom catálogo histórico de maneiras de se fazer educação, mas de *recolocar em questão* – a partir dessa comparação – os *nossos* modos de pensar a emancipação, o saber e a razão. A potência do encontro desses dois educadores não reside tanto em suas capacidades de representar e nos dizer o que é emancipação, saber ou razão, mas na possibilidade que nos dão de *repensar* o que entendemos comumente sob esses termos, de causar um *estranhamento* na nossa própria maneira de emancipar, de saber e de raciocinar.

Gostaríamos de fazer ainda alguns comentários sobre a escolha dessas perguntas.

Com a pergunta (1), queremos enfatizar as práticas e as racionalizações de práticas que tiveram o nome de “emancipação”. Os textos dos dois educadores estão repletos de referências a movimentos de servidão (o embrutecimento em Jacotot e a educação bancária em Freire) e de libertação (a emancipação intelectual em Jacotot e a criticização em Freire).



De alguma maneira, ambos os educadores parecem preocupados com: a) diagnosticar um estado presente ruim; b) apontar um estado potencial melhor; c) apontar uma direção (não necessariamente um método) para realizá-lo. Mas se há aí uma semelhança, constatamos logo algumas diferenças.

Para Freire, em seu *Pedagogia da autonomia*, o movimento emancipatório (que ele chama de *críticização*) se faz através de uma *promoção* da ingenuidade para a criticidade. A construção da consciência crítica do educando pode ser qualificada como um processo de *superação* (FREIRE, 2002, p. 15) que se dá “na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade [...] se critica” (FREIRE, 2002, p. 15). Jacotot, por sua vez, não considera seu método uma invenção, uma novidade, mas como algo “que seguem todos os homens, de um polo ao outro, método infalível e universal porque o seguimos sem mestre, por nossa própria inteligência, e sem outro guia senão a necessidade” (JACOTOT, 1841, p. 52-53, tradução nossa). A evidência disso é a aprendizagem da língua materna, que toda pessoa aprende sem mestre explicador. A emancipação, para Jacotot, não é um estado a ser atingido, mas um estado comum do qual todos nós *saímos*. Não é um movimento ascendente, mas circular. Pergunta: que há de diferente entre esses dois modos de conceber a emancipação? É a *promoção* de Freire um processo de *ascensão*? Isso não seria negligenciar sua dialética? Como os dois educadores consideram a si mesmos em relação à emancipação dos outros? Consideram a si mesmos como emancipados? E o que isso implica em suas maneiras de tomar a palavra dos outros?

Em relação à questão (2), pretendemos abordar a relação entre razão, sensação e conhecimento nos dois. Freire estabelece uma distinção entre o conhecimento “ao nível do “saber de experiência feito”, do senso comum, e o conhecimento resultante de procedimentos mais rigorosos de aproximação dos objetos cognoscíveis” (FREIRE, 2013, p. 79), entre uma compreensão *superficial* – derivada da sensibilidade – e uma *profunda* – derivada da apreensão da razão de ser de uma coisa (FREIRE, 2013, p. 31). O ponto de tensão se revela desde já, pois para Jacotot “não há profundidade de pensamentos. Um pensamento não é nem profundo nem superficial” (JACOTOT, 1841, p. 35, tradução nossa). Para Jacotot, não há “duas maneiras de ver o que se vê: há muitas coisas a serem vistas” (JACOTOT, 1841, p. 216, tradução nossa). A questão então se coloca: o que é saber? Como pode a educadora popular se relacionar com os saberes de seus educandos? Deve considerar-se uma portadora de um conhecimento crítico, de qualidade diferente do saber de seus educandos? E, do contrário, se não há hierarquias entre os modos de saber, então *tudo vale*? É possível tomar uma postura crítica sem hierarquizar os saberes? Igualdade e crítica se excluem?

Com a questão (3), pretendemos expandir as questões anteriores, abordando as duas maneiras dos educadores de se relacionarem com a razão. Aparentemente, Freire e Jacotot estariam de acordo em torno da afirmação de que a razão desempenha um papel fundamental no processo de conhecer (e, conseqüentemente, na emancipação/criticização). Cada um à sua maneira, eles advertiram os seus educandos do perigo de abandoná-la: “A razão o abandona, daí em diante ele não vê mais nada; ele não pode mais comparar nada, não pode mais medir nada: ele perdeu o seu gênio porque perdeu a razão” (JACOTOT, 1841, p. 263, tradução nossa); “Naquela tarde chuvosa [...] eu descobri a razão de minha dor. Percebi a sua razão de ser [...] Desvelei o problema pela apreensão clara e lúcida de sua razão de ser” (FREIRE, 2013, p. 31). Mas que razão é essa? O que significa ser racional? É a razão um modo de acessar uma realidade mais profunda? A razão está condenada a ser uma instância *normatizadora* das relações? Como a razão pode engendrar nossas relações uns com os outros? O que significa relacionar-se racionalmente com o outro? O que significa relacionar-se racionalmente com o mundo?

## 5. PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA

Dividiremos o tempo da pesquisa (2 anos) em quatro semestres:

No primeiro, pretendemos nos aprofundar nas pedagogias de Paulo Freire, mais especificamente o seu *ethos* pedagógico no que diz respeito às suas concepções de emancipação, saber e razão.

No segundo semestre, é de nossa intenção analisar nas obras de Jacotot a mesma questão: o *ethos* pedagógico no que diz respeito à emancipação, o saber e a razão.

No terceiro semestre, pretendemos nos debruçar sobre as possíveis ligações entre os dois *ethos* pedagógicos, observando com atenção seus contextos de desenvolvimento.

No quarto semestre, vamos nos dedicar às questões suscitadas por essa comparação, atentando-nos ao problema das fronteiras entre sensível e inteligível na educação popular.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

### FONTES:

1. FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
2. FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São

Paulo: Paz e Terra, 2002.

3. FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
4. JACOTOT, J. *Langue maternelle*. Paris: Ducassois, 1841.
5. JACOTOT, J. *Langue Étrangère*. Paris: V. Jacotot, 1852.
6. JACOTOT, J. *Mélanges póstumes*. Paris: H.-V. Jacotot, 1852.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

1. BARBOSA, I; MULLER, A; SANTOS, J. **Uma perspectiva empoderadora: um olhar sobre as obras de Freire e Rancière**. Sapere aude. Belo Horizonte, v. 8, n. 16, p. 554-563, ago./dez. 2017.
2. BENVENUTO, A; CORNU, L; VERMEREN, P. **Atualidade de O mestre ignorante**. Educação e Sociedade. Campinas, vol. 24, n. 82, p. 185-202, abril 2003.
3. *BIOGRAPHIE universelle, ancienne et moderne*. Tome soixante-huitième. Paris: L.-G. Michaud, 1841.
4. CAMPOS, C. **A história comparada e suas vertentes: uma revisão historiográfica**. Historiæ. Rio Grande, 2 (3), p. 187-195, 2011.
5. COCCIA, E. **A vida das plantas: uma metafísica da mistura**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.
6. DEBUS, J. **A autonomia do estudante nas relações de ensino e aprendizagem: reflexões sobre a atualidade do conceito de autonomia**. Educação e Emancipação. São Luís, v. 12, n. 2, maio/ago. 2019.
7. FILHO, N; NETO, F. **Autonomia e emancipação em Jacques Rancière e Paulo Freire**. Educação e emancipação. São Luís, v. 12, n.2, maio/ago. 2019
8. FOUCAULT, M. *Naissance de la biopolitique*: Cours au Collège de France (1978-1979). Paris: Seuil/Gallimard, 2004.
9. FOUCAULT, M. **Hermenêutica do sujeito**: Curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: Martins Fontes, 2006.
10. GADOTTI, M. **Paulo Freire: pequena biografia**. Instituto Paulo Freire, 1996. Disponível em: <<http://www.paulofreire.org/Crpf/CrpfAcervo000031>>. Acesso em: 07 de agosto de 2019.
11. GALLO, S; MARTINS, V. **Educação como percurso: por uma mestria ativa, criativa e inventiva na educação de surdos**. Bakhtiniana. São Paulo, 13 (3): p. 83-103, Set./Dez. 2018.
12. GIMBO, F. **Emancipação intelectual e democracia: para uma filosofia crítica da**

educação a partir de Jacques Rancière e Paulo Freire. *Revista de Filosofia*. Amargosa, Bahia, v. 16, n. 2, p. 270-284, dezembro 2017.

13. KERLY, Q; MASSCHELEIN, J; SIMONS, M. ***Das Ethos kritischer Forschung***. In NIEKE, M; MASSCHELEIN, J; PONGRATZ, L. (org). *Nach Foucault*. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2004.

14. KOHAN, W. **Paulo Freire e o valor da igualdade em educação**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 45, e201600, 2019.

15. KOHAN, W. ***Childhood, education and philosophy***: new ideas for an old relationship. New York: Routledge, 2015.

16. MONTEIRO, C. **Mitos e verdades sobre a obra de Paulo Freire**. Nova Escola. São Paulo, 05 de maio de 2017. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/4942/mitos-e-verdades-sobre-a-obra-de-paulo-freire>>.

Acesso em: 07 de agosto de 2019.

17. MURTA, C. **Metodologia EAD**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e à Distância, 2011.

18. RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

19. RANCIÈRE, J. **O desentendimento**: política e filosofia. São Paulo: 34, 1996.

20. SOUZA, C. **Emancipação intelectual e prática educativa**: limites e possibilidades. Itaberaba: 2015.

21. VEYNE, P. **Como se escreve a história**; Foucault revoluciona a história. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.